



# **Curso de Especialização Pós-Graduado em História – Espaços, Mobilidades e Culturas**

## **Coordenadores**

Adelaide Millán Costa

Jorge Manuel Trindade

## **APRESENTAÇÃO**

O tempo e o espaço são as duas categorias que marcam o pulsar da história da humanidade. Desde Heródoto, a história tem sido contada tendo sempre presente a geografia e o enraizamento das comunidades a determinados espaços vitais de pertença e identidade, reconhecendo, ao mesmo tempo, a importância da circulação dos seres humanos no espaço, projetando estas realidades numa escala temporal.

É inquestionável que o espaço constituiu sempre um desafio face ao qual os seres humanos têm procurado respostas que lhes permita adaptar e sobreviver. Na sua relação com o espaço, tendem, por razões diversas, a compartimentá-lo, a estabelecer fronteiras e a delimitar territórios, sem que isso impeça a mobilidade e os contactos. Nesse processo dinâmico de interação entre os seres humanos e o meio ambiente criam-se e recriam-se modos de viver e as culturas.

A base física do território constitui sempre o suporte das atividades humanas e do seu desenvolvimento ao longo dos tempos. A interação entre estas esferas é regida por fatores condicionantes e desencadeantes, onde os processos de mudança que se registam em cada uma não podem ser estudados de forma fechada, mas sim numa perspectiva holística. Assim, o desencadeamento e evolução dos acontecimentos históricos não podem ser dissociados das suas condicionantes que a maior parte das vezes se encontram associadas ao território onde ocorrem.

Ao longo do tempo foram-se configurando e reconfigurando, em função das variáveis ambientais, dos interesses dominantes, dos poderes e das relações económicas e sociais, vários espaços, de acordo com as lógicas daí resultantes: espaços rurais e urbanos, espaços políticos, como impérios, reinos, federações, colónias ou protetorados, de diferentes amplitudes, nomeadamente internacionais, transnacionais, nacionais, regionais, locais ou micro-locais. Dessas diferentes organizações resultam diferentes configurações espaciais que a cartografia expressa e que a análise espacial permite apreender em termos abstratos.

Nesta formação pós-graduada, tematicamente conduzida, que a Universidade Aberta propõe pretendemos que através do recurso à cartografia e da análise espacial que ela proporciona se torne possível fazer emergir, por vezes de forma mais eficaz do que qualquer outro discurso, as lógicas de organização subjacentes a determinadas sociedades, realidades ou tendências. A partir daqui, será possível obter percepções e interpretações muito significativas da forma como os processos e os fenómenos histórico-culturais se plasmam no espaço.

A existência de espaços delimitados com identidade e valores próprios não exclui, porém, a intensa permeabilidade que resulta da circulação das pessoas e dos bens, nomeadamente os culturais. O conceito antropológico de *área cultural* pode ajudar a definir os espaços no interior dos quais é dominante e estruturante a associação entre determinados traços culturais.

A história das línguas ou a das religiões, por exemplo, não pode ser escrita sem se ter em conta justamente os intercâmbios humanos e a reelaboração dos mitos e dos rituais resultante desses contatos. Aliás, nada do que é humano pode ser pensado de forma isolada e sem se perceber a relação entre o nós e o outro que permitiu, ao longo dos tempos, desenhar respostas e constituir diferentes sociedades e distintas configurações culturais.

Deste modo, no curso de pós-graduação em **História – Espaços, Mobilidades e Culturais** propõe-se uma abordagem desta problemática a partir da reflexão e investigação orientada sobre diversos temas circunscritos, previamente selecionados pelos docentes de História e de Geografia da Universidade Aberta diretamente envolvidos nesta formação.

## **1. DESTINATÁRIOS**

São destinatários do curso de especialização de pós-graduação em **História – Espaços, Mobilidades e Culturais** todos os licenciados em áreas como História, Geografia, Arqueologia, Sociologia, Antropologia ou outras Ciências Sociais e Humanas afins, que pretendam ampliar os seus conhecimentos e aptidões no domínio da compreensão e problematização das noções de tempo e de espaço como dimensões imprescindíveis para a apreensão e interpretação dos fenómenos histórico-culturais.

São ainda destinatários deste curso outros licenciados, que por motivos académicos e/ou profissionais, tenham interesse em desenvolver e aprofundar as suas competências no tema global proposto.

Consideram-se também destinatários desta formação todos os que forem detentores de uma experiência profissional considerada relevante no âmbito da problemática de reflexão deste curso de especialização de pós-graduação.

## **2. CONDIÇÕES DE ACESSO**

Podem candidatar-se à frequência deste curso:

- Titulares do grau de licenciado ou equivalente legal;

- Titulares de um grau académico superior, conferido na sequência de um 1º ciclo de estudos organizado de acordo com os princípios do Processo de Bolonha por um Estado aderente a este Processo;
- Detentores de um currículo escolar, científico ou profissional, que seja reconhecido como atestando capacidade para realização do curso de pós-graduação pelo órgão científico estatutariamente competente da Universidade Aberta.

### **3. CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO**

Estabelecem-se as seguintes condições de funcionamento para o presente curso:

1. O número mínimo de inscrições é fixado em 25 e o máximo 50;
2. Sempre que se justifique do ponto de vista pedagógico haverá lugar ao desdobramento em duas turmas;
3. Excecionalmente, e perante justificação fundamentada apresentada pela Coordenação do Curso de Pós-Graduação, mediante parecer favorável do respetivo Diretor de Departamento, pode ser autorizada a abertura do mesmo, com um número inferior ao previsto no ponto 1.
4. O curso terá início em Outubro de 2013, sendo precedido de um módulo de ambientação *online*, com carácter de frequência obrigatória, com a duração máxima de duas semanas, a cargo da Coordenação ou de quem ela designar para o efeito;
5. O montante da propina do Curso de Pós-Graduação é 1.000,00 Euros, podendo ser liquidada de uma só vez ou em quatro prestações, conforme se encontra estipulado no *Normativo de Procedimentos de Pagamento de Propinas da Universidade Aberta* (Despacho n.º 23797/2009).

### **4. ESTRUTURA CURRICULAR E PLANO DE ESTUDOS**

O curso de especialização pós-graduado em **História – Espaços, Mobilidades e Culturais** é de carácter formal, ministrado em conformidade com o Modelo Pedagógico adotado pela Universidade Aberta, em EaD, na modalidade online-classe virtual, com recurso à plataforma de e-learning Moodle.

O curso é constituído por 60 ECTS, correspondendo a um ciclo de estudos de um ano, repartido por dois semestres, integrando 6 unidades curriculares obrigatórias. Cada uma das unidades curriculares tem 10 ECTS, que corresponde a um total de

260 horas de trabalho efetivo por parte do estudante, uma vez que cada ECTS, na Universidade Aberta, corresponde a um total de 26 horas de trabalho.

Dos quatro principais vetores de lecionação propostos, nomeadamente Cartografia e Análise Espacial; Contactos Culturais; Fronteiras, Territórios e Poderes; Migrações, apenas o primeiro apresenta uma estrutura de conteúdos fixa em que se pretende que os formandos adquiram competências na área da produção cartográfica e da análise espacial. Os restantes vetores são objeto de proposta específica, anual, por parte do docente responsável e visam, essencialmente, proporcionar uma capacidade de compreensão e problemática das dinâmicas inerentes aos processos histórico-culturais no seu contexto espaço-temporal.

Na sua estruturação este curso de especialização pós-graduado obedece ao *Regulamento para a aplicação do sistema de créditos curriculares (ECTS) a toda oferta pedagógica da UAb e Dupla Titulação* (Despacho nº 10438/2011 e Despacho nº 10439/2011) e ao *Regulamento de Avaliação, Classificação, Qualificação e Certificação* (Regulamento n.º 403/2009) da Universidade Aberta.

Como se pretende que, numa segunda fase, este curso possa vir a ser oferecido como mestrado, a elaboração do plano curricular e a creditação das unidades curriculares procuraram facilitar a transição e a continuação da formação académica aos formandos que o desejem.

O plano de estudos é constituído pelas seguintes unidades curriculares obrigatórias:

<b>1º SEMESTRE</b>	<b>HORAS</b>	<b>ECTS</b>
<b>Cartografia e Análise Espacial</b>	260	10
<b>Contactos Culturais I</b>	260	10
<b>Fronteiras, Territórios e Poderes I</b>	260	10
	<b>780</b>	<b>30</b>

<b>2º SEMESTRE</b>	<b>ECTS</b>	<b>ECTS</b>
<b>Migrações</b>	260	10
<b>Contactos Culturais II</b>	260	10
<b>Fronteiras, Territórios e Poderes II</b>	260	10
	<b>780</b>	<b>30</b>

No presente ano letivo, a temática de cada uma das UCs é apresentada, de forma detalhada, no **ponto 8** do presente Guia.

## **5. OBJETIVOS**

A pós-graduação proposta orienta-se pelos seguintes objetivos:

- Proporcionar o domínio das ferramentas conceptuais e metodológicas fundamentais para pensar o tempo e o espaço como categorias de análise e problematização do viver histórico;
- Desenvolver a capacidade de enunciar problemas e de utilizar os recursos científicos adequados para, de forma crítica, criativa e inovadora, formular respostas a esses mesmos problemas;
- Estimular a capacidade de construir uma visão racional e crítica do passado das sociedades, de modo a compreender melhor o presente e a exercer, cabal e ativamente, a cidadania.

## **6. COMPETÊNCIAS**

A estrutura curricular foi definida de forma a proporcionar aos formandos a aquisição e/ou desenvolvimento das seguintes competências:

- Capacidade para analisar criticamente vários tipos de fontes e de instrumentos de trabalho inerentes ao tratamento científico da(s) temática(s) proposta(s);
- Capacidade de domínio dos instrumentos teórico-metodológicos necessários à problematização e relação das várias dimensões dos fenómenos histórico-culturais projetados no tempo e no espaço;
- Capacidade para contribuir, de forma ativa, para a leitura das práticas e estratégias de utilização do espaço, distinguindo fatores condicionantes e desencadeantes de ordem vária a elas associados;
- Capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos, a partir dos casos em análise, na resolução de problemas novos em contextos alargados, complexos e multidisciplinares.

## **7. AVALIAÇÃO**

As unidades curriculares do curso adotam o modelo de avaliação contínua, sendo a classificação final do estudante o resultado do trabalho desenvolvido, de forma assíncrona (nomeadamente, a participação em fóruns e/ou a realização de atividades de carácter diverso) e de um trabalho final de avaliação.

Ao trabalho desenvolvido ao longo do semestre é atribuído 60% da classificação final (12 valores), cabendo ao trabalho final de avaliação os restantes 40% (8 valores).

A conclusão do curso, após aprovação em todas as unidades curriculares, é reconhecida com a atribuição de um Diploma de Especialização em **História – Espaços, Mobilidades e Culturas**.

## 8. SINOPSES DAS UNIDADES CURRICULARES

UNIDADE CURRICULAR	<b>CARTOGRAFIA E ANÁLISE ESPACIAL</b>
DOCENTE	Jorge Manuel Trindade
SINOPSE	<p>A modelação espacial é utilizada desde o séc. XIX para explicar a distribuição de fenómenos físicos e humanos num determinado território. Desde os modelos de Von Thünen (1826), Ravanstein (1885) ou Webber (1909) que se tenta sistematizar informação qualitativa ou quantitativa sob a forma de variáveis que condicionam a forma como se organiza o território e desencadeiam a evolução do mesmo.</p> <p>A noção de sistematização é aplicada a qualquer tipo de fenómeno que ocorra no território de forma espacialmente continua ou descontínua, associado ou não a uma sequência temporal. Os fenómenos históricos não são exceção e possuem sempre uma dimensão temporal e, muito frequentemente, uma projecção no espaço ou território.</p> <p>Com esta unidade curricular pretende-se que os estudantes pensem o espaço como uma forma de expressar fenómenos utilizando e elaborando cartografia temática. Entender a distribuição espacial através dos padrões impressos no território será essencial para se poder interpretar como um acontecimento foi influenciado pelas suas variáveis condicionantes ou como uma sucessão de fenómenos evolui no tempo e no espaço.</p>
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de preparação de dados para a produção de cartografia temática;</li> <li>- Capacidade de elaborar cartografia em ambiente SIG (sistema de informação geográfica);</li> <li>- Capacidade de avaliar padrões espaciais em mapas com informação pontual, linear ou em mancha;</li> <li>- Capacidade de avaliar relações de densidade, vizinhança e de evolução.</li> </ul>

CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. INTRODUÇÃO À CARTOGRAFIA TEMÁTICA: COMPONENTES E TIPOS DE MAPAS;</li> <li>2. SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA: CONCEITOS E ARQUITETURA;</li> <li>3. INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA: CRIAÇÃO, EDIÇÃO E IMPORTAÇÃO;</li> <li>4. INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA: ANÁLISE ESPACIAL E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS.</li> </ol>
BIBLIOGRAFIA	<p>FERREIRA, C.; SIMÕES, N.- <i>Tratamento estatístico e gráfico em Geografia</i>, 2ª edição, Gradiva, 1987.</p> <p>SILVA, A.- <i>Gráficos e mapas. Representação de informação estatística</i>, LIDEL, 2006.</p> <p>MITCHEL, A.- <i>Esri guide to GIS analysis</i>. Vol 1: Geographic patterns &amp; relationships. Environmental Systems, Research Institute, California, 1999.</p>

UNIDADE CURRICULAR	<b>CONTACTOS CULTURAIS I - CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NO PERÍODO HELENÍSTICO</b>
DOCENTE	José Sales
SINOPSE	<p>O período helenístico foi, simultaneamente, um fenómeno político e um fenómeno cultural, cujas repercussões ultrapassaram, de longe, as delimitações cronológicas estritas dos séculos IV-I a.C., estando ainda, sob determinadas formas, presente em modelos e em concepções hodiernas. Não obstante, trata-se de uma época mal conhecida e mal estudada.</p> <p>A ação e a herança político-cultural de Alexandre Magno marcaram indelevelmente o período e conferiram-lhe a sua unidade e coerência. Posteriormente, já com os diádocos e epígonos de Alexandre, os vários ritmos e perspetivas resultantes das tensões e dos cruzamentos de visões imperiais, regionais e locais, a par de propostas e alternativas políticas contraditórias e antagónicas (império, monarquia, democracia, federalismo), tornaram o período helenístico uma época chave das relações entre a Europa e a Ásia.</p> <p>Época de encontro dos mundos pré-clássicos e clássicos, o período helenístico foi também um momento ímpar do multiculturalismo e da justaposição cultural-religiosa. O mundo helenístico conheceu, portanto, inúmeros e desconcertantes acontecimentos, das conquistas unificadoras de Alexandre, o Grande, com a inevitável extensão dos modelos organizacionais helénicos a áreas até então a eles imunes, à fragmentação territorial e política, com a recuperação, reativação e redefinição dos antigos conceitos e das multisseculares práticas de</p>

	<p>poder.</p> <p>Nesta unidade curricular propõe-se uma reflexão sobre as continuidades e descontinuidades manifestadas no período helenístico, a partir da consideração das múltiplas dimensões da história política: os modelos de organização do poder, a coabitação político-cultural das populações, a etnicidade, as relações entre centro e periferia, as dicotomias cidade-campo, o fenómeno característico da urbanização, etc.</p> <p>A proposta de abordagem tem como objetivo principal a construção de um sustentado pano de fundo histórico para a compreensão e problematização de muitas das convergências e divergências dos mundos europeu e asiático, aqui entendidos sob o prisma do mundo antigo, em torno do Mediterrâneo centro-oriental.</p>
<p>COMPETÊNCIAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de construção de um sustentado pano de fundo histórico para a compreensão e problematização de muitas das convergências e divergências dos mundos europeu e asiático, entendidos sob o prisma do mundo antigo, em torno do Mediterrâneo centro-oriental, nos séculos IV-I a.C.;</li> <li>- Capacidade de compreensão das dinâmicas inerentes aos processos de unificação e de desarticulação do império macedónico;</li> <li>- Capacidade de estabelecimento da articulação e relação entre as manifestações e produções artístico-religiosas na Época Helenística, com destaque para o fenómeno do sincretismo.</li> </ul>
<p>CONTEÚDOS</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O MUNDO GREGO NA ÉPOCA DAS GUERRAS MÉDICAS (499-478 a.C.)</li> <li>2. A ASCENSÃO DA MACEDÓNIA E A UNIFICAÇÃO DA GRÉCIA</li> <li>3. AS CONQUISTAS DE ALEXANDRE MAGNO – O ESTABELECIMENTO DO IMPÉRIO MACEDÓNICO</li> <li>4. AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO HELENÍSTICO – A CRIAÇÃO DE REINOS INDEPENDENTES</li> </ol>
<p>BIBLIOGRAFIA</p>	<p>ERSKINE, Andrew (dir.) - <i>Le monde hellénistique. Espaces, sociétés, cultures. 323-31 av.J.-C.</i>, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004.</p> <p>GRANT, Michael - <i>From Alexander to Cleopatra. The Hellenistic World</i>, London, Weidenfeld &amp; Nicolson, 1982.</p> <p>GREEN, Peter - <i>D’Alexandre à Actium. Du partage de l’empire au triomphe de Rome</i>, Paris, Robert Lafont, 1997.</p> <p>PRÉAUX, Claire - <i>Le monde hellénistique. La Grèce et l’Orient de la mort d’Alexandre à la conquête romaine de la Grèce (323-146 av. J.-C.)</i>, Deux Tomes, Paris, PUF, 1978.</p> <p>VIAL, Claude - <i>Les Grecs de la paix d’Apamée à la Bataille d’Actium (188-31)</i>, Paris, Éditions du Seuil, 1995.</p>

UNIDADE CURRICULAR	<b>FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E PODERES I - A COROA E OS CONCELHOS NA IDADE MÉDIA: DISPUTA PELO DOMÍNIO TERRITORIAL</b>
DOCENTE	Adelaide Millán Costa
SINOPSE	<p>Ainda hoje, nas nossas aldeias, se vivencia o arreigado apego à posse da terra, perceptível nos marcos que balizam prédios rurais e patente nos conflitos que as famílias alimentam (e através dos quais alimentam a sua identidade) ao longo de gerações. Esta asserção é igualmente válida para todas as comunidades territoriais, desde as de pequena dimensão – como os concelhos – até aos Estados nacionais. E, tal como nas famílias, a delimitação do espaço controlado corresponde a um fator de reforço dos laços identitários. Acresce que as zonas de fronteira são, em simultâneo, as mais permeáveis à indefinição jurisdicional e as áreas em que os poderes mais fortemente atuam no sentido de fixar os seus limites.</p> <p>Nesta unidade curricular, a problemática do controlo territorial pelos poderes em confronto é situada na baixa Idade Média portuguesa, colocando frente a frente a coroa e os concelhos, duas das estruturas do sistema político que eram movidas por alguns interesses convergentes e outros tantos antagónicos. Analisaremos as estratégias de apropriação e preservação dos espaços e a sua relação com fases de enfraquecimento ou solidez dos poderes instituídos.</p>
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Domínio do “estado da arte” acerca das relações de poder estabelecidas entre a coroa e os concelhos durante a Idade Média em Portugal.</li> <li>- Domínio dos instrumentos teórico/metodológicos de abordagem das sociedades políticas medievais, na sua relação com o espaço.</li> <li>- Capacidade de problematizar os vários conceitos de território e de fronteira utilizados na Idade Média.</li> </ul>
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A ARTICULAÇÃO ENTRE AS ESTRUTURAS POLÍTICAS MEDIEVAIS PORTUGUESAS DO CENTRO E DA PERIFERIA.</li> <li>2. ESBOÇO DE MAPEAMENTO CRÍTICO DO DOMÍNIO TERRITORIAL DO REINO PELA COROA NA IDADE MÉDIA.</li> <li>3. LEITURA DO DOMÍNIO ESPACIAL DAS COMUNIDADES LOCAIS</li> <li>4. COROA E CONCELHOS EM CONFLITO PELO CONTROLE DO TERRITÓRIO.</li> </ol>
BIBLIOGRAFIA	<p>COELHO, Maria Helena da Cruz; MAGALHÃES, Romero de, <i>O Poder Concelhio das Origens às Cortes Constituintes</i>, Coimbra, CEFA, 1986.</p>

	<p>COELHO, Maria Helena da Cruz, <i>Homens, Espaços e Poderes</i>, 2 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1990.</p> <p>COSTA, Adelaide Millán, "State-building in Portugal during the Middle Ages: a royal endeavour in partnership with the local powers?", in Wim Blockmans, André Holenstein, and Jon Mathieu (eds), <i>Empowering Interactions: Political Cultures and the Emergence of the State in Europe, 1300–1900</i>, in collaboration with Daniel Schläppi, Aldershot, Ashgate, 2009, pp. 219-233:</p> <p><i>Elites e redes clientelares na Idade Média. Problemas Metodológicos</i>. Actas do Colóquio, coordenação de Filipe Themudo Barata, Lisboa, Edições Colibri e C.I.D.E.H.U.S.-Universidade de Évora, 2001.</p> <p><i>La ciudad medieval y su influencia territorial</i>, coordenação Beateiz Arízaga Bolumburu e Jesús Ángel Solórzano Telechea, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 2007.</p>
--	---

UNIDADE CURRICULAR	<b>MIGRAÇÕES - RETROSPETIVA HISTÓRICA DAS MIGRAÇÕES EM PORTUGAL</b>
DOCENTE	Maria Isabel João
SINOPSE	<p>Nesta unidade pretende-se realizar uma abordagem geral da história da emigração/imigração, partindo de um ponto de situação dos estudos sobre a matéria. Estarão em foco a historiografia, mas também as ciências sociais, nomeadamente a Geografia Humana, a Sociologia e a Antropologia, que mais se têm debruçado sobre os variados aspetos deste fenómeno humano. Esta retrospectiva abre a possibilidade de investigações parcelares sobre a história das migrações em Portugal e sobre as suas implicações ao nível da construção e reconstrução das memórias e das identidades dos protagonistas, dos grupos e das sociedades, nas quais se inserem. Manifestações socioculturais diversas – festas, monumentos, cerimónias públicas, associações, museus, obras artísticas, literárias, jornalísticas e memórias, etc. – expressam o resultado das interações que se estabelecem entre os indivíduos e os diversos grupos humanos em contacto. Esse será um dos domínios a privilegiar no seminário, por ser aquele onde são menos frequentes os estudos em Portugal.</p>
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de traçar um quadro geral das migrações em Portugal, tendo em atenção os contextos internacionais.</li> <li>- Dominar a bibliografia sobre a matéria, numa perspetiva crítica.</li> <li>- Problematizar conceitos e teorias</li> </ul>

	<p>explicativas dos fenómenos migratórios e das suas implicações socioculturais.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de definir problemas de investigação e de gizar um projeto de trabalho, ainda que seja circunscrito.</li> <li>- Expor por escrito as suas ideias, de forma fundamentada e original.</li> </ul>
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A HISTÓRIA DAS MIGRAÇÕES: PROBLEMAS, MÉTODOS E RUMOS</li> <li>2. A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA, DA FASE TRANSOCEÂNICA À INTRAEUROPEIA</li> <li>3. PORTUGAL, COMO PAÍS DE CHEGADA E ACOLHIMENTO</li> <li>4. MEMÓRIAS E IDENTIDADES EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS</li> </ol>
BIBLIOGRAFIA	<p>BAGANHA, Maria Ioannis B. - "As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional", <i>Análise Social</i>, Vol. XXIX (4.º), n.º 128, 1994, pp. 959-980.</p> <p>OLIVEIRA, Isabel Tiago de - "Emigração, retorno e reemigração na primeira metade do século XX", <i>Análise Social</i>, Vol. XLII (3.º), n.º 184, 2007, pp. 837-852.</p> <p>PIRES, Rui Pena - <i>Portugal; Atlas das Migrações Internacionais</i>, Lisboa, Tinta da China, 2010.</p> <p>ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz et al. - <i>Sociologia das Migrações</i>, Lisboa, Universidade Aberta, 1995.</p> <p>RODRIGUES, Teresa; PINTO, Maria Luís Rocha - "Migrações no Portugal do Século XX", <i>Ler História</i>, nº 43, 2002, pp. 179-203.</p> <p><b>Uma bibliografia mais geral:</b></p> <p>GARCIA, José Luís; NUNES, Diana Brito - <i>Migrações e Relações Multiculturais. Uma Bibliografia</i>, Oeiras, Celta, 2000.</p>

UNIDADE CURRICULAR	<b>CONTACTOS CULTURAIS II - A EUROPA NO ESPAÇO EXTRA-EUROPEU NOS PRIMÓRDIOS DA GLOBALIZAÇÃO</b>
DOCENTE	Ana Paula Avelar
SINOPSE	<p>Partindo da definição do que se entende por globalização nos alvares da Idade Moderna (sécs. XVI-XVIII), contextualizar-se-á o caso português. Assim, ao longo desta unidade curricular, abordar-se-á a forma como se desenvolveram os contactos culturais nos espaços imperiais europeus por terras americanas, africanas e asiáticas, destacando-se a presença portuguesa, e analisando-se o modo como esta evoluiu ao longo dos séculos.</p>
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de analisar a historicidade do conceito de globalização;</li> <li>- Capacidade de confrontar os contextos evolutivos dos vários impérios europeus;</li> </ul>

	- Capacidade de sintetizar as especificidades dos diálogos culturais no caso português.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. EM TORNO DE UM CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO E DA SUA HISTORICIDADE NOS ALVORES DA MODERNIDADE</li> <li>2. OS IMPÉRIOS EUROPEUS: ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO E CONTEXTOS EVOLUTIVOS (SÉCS.XVI-XVIII)</li> <li>3. OS DIÁLOGOS CULTURAIS COMO FORMAS DE PERMANÊNCIA IMPERIAL</li> <li>4. O IMPÉRIO PORTUGUÊS EM DEBATE NAS ESPECIFICIDADES DOS SEUS DIÁLOGOS CULTURAIS</li> </ol>
BIBLIOGRAFIA	<p>AVELAR, Ana Paula - <i>Representações de um Mundo Novo no Portugal de Quinhentos</i>, Chamusca, Cosmos, 2011.</p> <p>BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada (dir.) - <i>A Expansão Marítima Portuguesa</i>, Lisboa, Edições 70, 2010.</p> <p>BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti - <i>História da Expansão Portuguesa</i>, vol 1, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1998.</p> <p>GRUZINSKI, Serge - <i>L'Aigle et le Dragon-Démésure européenne et Mondialisation au XVIe siècle</i>, Paris, Fayard, 2012.</p> <p>PARKER, Charles H. - <i>Global Interactions in the Early Modern Age, 1400-1800</i>, Cambridge, Cambridge University Press, 2010.</p>

UNIDADE CURRICULAR	<b>FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E PODERES II - DINÂMICAS PASSADAS DE USOS DO TERRITÓRIO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS.</b>
DOCENTE	Jorge Manuel Trindade/M <sup>a</sup> Rosário Bastos
SINOPSE	<p>O território corresponde à base onde as atividades humanas se desenvolvem, sendo estas determinantes para explicar, na maior parte dos casos, a sua dinâmica física e as alterações nos seus usos ao longo da História.</p> <p>Até tempos recentes, as limitações tecnológicas levavam a que a ocupação e utilização do território pelas comunidades humanas não provocassem impactes significativos no Meio. Porém, a intensificação das intervenções antrópicas desencadeou vários desequilíbrios ambientais que por sua vez condicionaram a utilização do território, mormente, depois da industrialização (que foi afetando países e, dentro destes, as suas regiões, com ritmos e intensidades assíncronas). Evidenciou-se, assim, a necessidade e importância do conhecimento das variáveis que fazem evoluir o espaço que nos rodeia e, por conseguinte, a necessidade do uso sustentável do território.</p>
COMPETÊNCIAS	- Capacidade de identificar e as

	<p>componentes do território;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de sistematizar os fatores condicionantes e determinantes para a evolução territorial;</li> <li>- Capacidade de problematizar sobre a ação do homem no meio ao longo do tempo e as suas consequências</li> </ul>
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. CONCEITO DE TERRITÓRIO E OS FATORES CONDICIONANTES E DETERMINANTES DA SUA EVOLUÇÃO;</li> <li>2. A INTERAÇÃO HOMEM/MEIO NUMA ANÁLISE DIACRÓNICA;</li> <li>3. PROBLEMAS AMBIENTAIS ASSOCIADOS AO USO NÃO SUSTENTADO DO TERRITÓRIO;</li> <li>4. EXEMPLOS DE INTERVENÇÕES LOCAIS OU USOS INSUSTENTADOS DO TERRITÓRIO À ESCALA LOCAL OU REGIONAL, NUMA PERSPETIVA HISTÓRICA.</li> </ol>
BIBLIOGRAFIA	<p>MARTINS, Alfredo Fernandes - "A configuração do litoral português no último quartel do século XIV. Apostila a um mapa". <i>Biblos</i>, XXII (I), Coimbra, 1947, pp. 163-197.</p> <p><i>História de Portugal</i>, dir. de José Mattoso, 9 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1992-1994.</p> <p>DIAS, J. M. Alveirinho - "A história da evolução do litoral português nos últimos vinte milénios". <i>Actas do Colóquio Evolução Geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos (Geologia, História, Arqueologia e Climatologia)</i>, Lisboa, Universidade Aberta, 2004, pp. 157-170.</p> <p>FERREIRA, A. B. - "Geomorfologia e ambiente: contributo metodológico. in Ferreira et al. - <i>Estudos de Geografia Física e Ambiente, Linha de Acção de Geografia Física</i>, Rel. 32, CEG, 1993, p.3-10.</p> <p>MORGADO, P. ; ROCHA, J. - <i>Modelação geográfica de indicadores de desenvolvimento sustentável</i>, E.P.R.U, nº 71, 2008.</p>